

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SÁTIRAS POLÍTICAS DE SEISCENTOS. I.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Sátiras políticas de seiscentos. I. *Revista de Guimarães*, 59 (1-2) Jan.-Jun. 1949, p. 176-192.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Sátiras políticas de Seiscentos

No cartapácio, já limpo do bolor e da traça, algum velho caturra, mas de espírito curioso e alumiado, homem português, ajuntou, como em vencelho, trinta e um opúsculos, qual mais interessante e todos de merecimento, ao menos pitoresco, dos anos de Seiscentos, a maior parte as próprias edições, outros copiados à mão, mas sem designativo da impressão de que se trasladaram. Dêstes, vivamente me prenderam em atenta leitura, os relativos aos anos filipinos, não só como documento elucidativo da amarga e obscura passagem histórica, mas ainda, e principalissimamente, pelo que denotavam em ilucidação sobre os então mais cruciantes problemas da vida nacional e da política, que os subordinava ou preteria (aspecto que lhes dá verdadeiro valor histórico), e como reactivo da literatura popular, ou seja do sentimento da nacionalidade. De certa maneira íntima se relacionam com as obras dos economistas portugueses do Século XVII — *Luis Mendes de Vasconcelos, Manuel Severim de Faria e Duarte Ribeiro de Macedo* —, ilustram e continuam diversos trechos das célebres cartas do grande humanista *Clenardo*, e fornecem elementos não colhidos ainda nas páginas da história da literatura portuguesa, confirmando a justeza de modos de ver de *Camilo Castelo Branco*, na Introdução ao vol. II do *Curso de Literatura Portuguesa*, iniciado por *José Maria de Andrade Ferreira*. Creio prestar bom serviço público em torná-los conhecidos, embora seja de lamentar que o não possa fazer com mais perícia.

Guimarães, 1 de Setembro de 1948.

EDUARDO DE ALMEIDA.

Colegio com tres figuras, s. hum
escudeiro, hum estudante, e hum
lavrador. Com hã carta da
sua Mage de Camara de
Alto vedor sobre a funda do
anno de 1623.

E qual conselho agora nova mente
mandou sahir, e publicar p^{ta} se

Ver que ha paços no mundo que
dão conselho, pedindo lhe dinheiro.

Sub ho signo 

Quod peca di, Cay. non peca caribum

And. 12
cap. 70.



I

COLLOQUIO sobre a finta, que o Conselho de Portugal mandou a esse Reyno o anno de 623, com húa carta p.^a el Rey da Camara de Alhos Vedros

Um escudeiro desses de baeta calva, botas professas, chapéu de residência, mantéu anilado tomando a cor do céu de ver a estrela sempre, jubão de peito sem barriga estofado de malícias, golpeado do tempo, prenhe de invenções para parir roubos de valias, espada rabisina, adaga à dependura, rocim de molde de galgo, sela de milagres, freio de engonços, rédeas atacadas, silha de franjas, esporas de seu dono, voltas de lanterna (*linterna*), luvas de empréstimo, o corpo estirado sobre a armação dos ossos, seco do rosto, largo de pés, pescoço de pescador, garganta e mãos de penitente, dentes de cantaria percintada, olhos rebordãos, testa avelada, barba longal, bigodes já a apontar, contas donzelas, bolsa parida, talabartes de emprasto, e ele todo em si longo, e estreito, como o ano mau.

Indo no caminho no de Lisboa (*Lx.^a*) bem de vagar posto que voando sempre com as pernas, entrou em certa taverna a titulo de estalagem, aonde, depois de dar a bem merecida dieta ao rocim, se sentou à mesa comum fazendo a dous circunstantes uma grave e continente mesura, comprando com os olhos sua reputação.

Era um deles estudante, dêstes de turbante por barrete, socarrão, capilargo, canjante de baeta, vestido e bolsa de Maio, traçado (*tressado*) à ilharga, livrinhos em cevadeira, valente sobre falso, velhaco mais que o verdadeiro, crítico além do justo, cavalo de si mesmo, músico às furtadas, poeta de empréstimo, tangedor de têmpera, esgrimidor de histórias, namorado de feiras, dissimulado em público, olho de soslaio, latim a cada invite, e voz retumbante.

O outro era um vilão entre malicioso e taimado, sedeúdo, espesso de barbas, sobranceiras de escova,

testa de lavoura, dentes cavaleiros, olhos homisiados, capa de S. Martinho, ombros de S. Cristóvão, arroupado de capote, sobre-veste de alforges, espada barrenta, bolsa de centafolho, cabido com escudeiros, parente do vigário (*vigairo*), ouvinte de barbeiros, cursante de auditórios, ajudante de advogados (*avogados*), jurador de devassas e enfim demandão por carta de posse. E sem precederem outras cerimónias se armaram a comer e beber, em bom amor e companhia, sem se perder de parte a parte invite, nem haver (*aver*) renunciada, por ser entre eles festa solene, e pessoal, a quem em tal officio nunca (*nunqua*) mentiu a escorva, concertados a que fosse sempre a mão arriba, por não haver engano: e depois de estar o torno bem vinagrado, a mão esquerda no peito e uma palha nos dentes, começou o escudeiro dizendo:

— Saberão vossas mercês, que têm diante de si a um fidalgo, que o pudera ser em forma, se a fortuna o não deixara em casa branca, aparentado com o melhor do Reino, e conhecido em todo ele, e creiam-me que vou trunfando de menor por brevidade, porque se quisera meter todos os registos, soltando a voz, contava tantas façanhas próprias, quais não ouviram nem podiam ver no centro da esfera humana; e não quero atirar ao lume de água, por não meter no fundo casas de solar, e sobre-solar, que a fortuna levantou na gávea da privança; e, em comparação da antiga nobreza de minha pessoa, uns por modernos podiam ficar nos cachopos, outros por mal nascidos perder-se em muitos baixos.

— Agora (disse o lavrador) me quero eu chegar para (*pera*) sua mercê à beira de tanta fidalguia, por que até aqui, mau ano me venha, se me não punha contra vento, cuidando que era algum dêstes escudeiros, que são a peste de nós outros.

— Boa definição (acudiu o estudante) que *explicitaturum rei diffinitae*; porque este mal de escudeiro, ainda que come como sarna e se pega como tinha, peca no crédito alheio como tabardilho, que toma as juntas em concertos de pobres, frenezins de sangue alheio, opilação contra os fidalgos, tiricia contra os olhos dos mecânicos, boubas contra caseiros, que custam piores ao sair, por mais que entrem folgando,

e posto que lhe puderei pôr nome de cada um destes males, só o de peste lhe quadra melhor, porque é mais que todos juntos, *maximé qui tanti mensuram nominis implet.*

— Já eu ouvi dizer a um Bispo bem honrado, e meter-me-ei no que não entendo, (acrescentou o rústico) que escudeiro queria dizer gente escusada.

— Isso deduzia ele (explicou o estudante) da palavra *gens scutata*, que, porque traziam os escudos diante dos fidalgos, foi chamada em espécie gente escudada, e cada qual dos indivíduos escudeiros, homens, que como servindo aos cavaleiros andantes, não faziam mais que olhar e falar, e ainda hoje lhes ficou tendo língua contra todos ter-lhes olho por tudo.

— Não são isso empresas (atalhou o escudeiro) para andarem em escudos, sendo assim que a alguns deles as vemos bem honradas.

— Serão mal pecado (disse o lavrador) mas foi depois que Portugal, com paixão de todos nós, chegou a tal quaresma, que já não há quem lhes (*lhe*) dê a comer carne fresca de mouros, vivendo cada um de encher a boca com a chacina que ficou nas crônicas do tempo de seu dono, e vieram as ervas a ter tal preço, porque tudo são misturadas no Reino, e sendo o tempo de pescado, até os nomes e braços de seus amos pescaram os escudeiros tanto que viram andar a água envolta; porém se o interesse sempre fica com eles, porque comendo todos a ninguém convidam, cá em matérias de honra nunca a têm, já que ela é de quem a dá, mas são honrados a modo de reposteiros pelas armas que trazem, sendo pano sòmentei.

— Ah! como folgo de me lembrar (deu um grito o estudante) aquele emblema tão elegante: *non tibi, sed relegioni.* Diz ele que levavam os mordomos de um Santo uma sua imagem sobre um jumento, e encontrando muita gente, ela se ajoelhava fazendo reverência ao Santo: eis que o asno, sem reparar no que levava, tomando as medidas por suas, começou a embridar-se, sem querer dar um passo, de soberbo com tanto acatamento: enfadou-se o mordomo, e desmentindo-o a poder de açoutes lhe disse: andai para asno, que se não fazem essas honras a vós, se não a quem vai em cima. Tais são os escudeiros que acatados por

seus amos deram em asnejar fazendo-se mais soberbos que eles.

— Inda há-de vir tempo (concluiu o rústico) que eu lhes hei-de lembrar a carga com a minha cachaporra, e pois engordam com o nosso, Deus nos traga tempo tão santo que lancemos de casa estes tições pela janela, dizendo — entrudo fora, venha à páscoa em boa hora (*a pascoa em b'hora*).

— Nela torno eu a entrar (continuou o escudeiro) e por vos não cansar muito sou um fidalgo, natural e morador em uma Vila das boas dêste nosso Portugal, em nome de cuja nobreza vou a Madrid a ver-me com sua Majestade, (que bem me há-de saber o nome se ler por seus livros), e fazer-lhe queixa de seus Governadores e Conselheiros, pedindo-lhes nos haja (*aja*) por escusos de certa finta, que para a guerra da Índia ora nos vem lançada.

Aqui interrompeu o estudante a prática com um suspiro dizendo — *Para que pariste, Madre, um hijo tan desdichado?*, e prosseguiu *Auri sacra fames*. Bem se pode já dizer por este Reino — *mori vos quereis mi padre, San Myguel os haya el alma*. Porventura somos nós perrigalhos, ou é Portugal estafermo, que por fazer festas a outrem se há-de despedaçar a si? Tempo era já de ele fazer sua carta de alforria ao pescoço. Pois por vida de Barthulo e de Jasão, que se há-de discutir o ponto, ainda que se diga por mim que tenho officio de rasa, que é só beber, e palrar.

— Reconcentre Vossa Mercê sua cólera, Sôr Licenciado (disse o escudeiro) e vamos nós *pian piano*, porque tomo que ande por aqui alguma vara move-diça, que queira ser eco de nossa tenção e nos malsine, a estes cacos de maior hierarquia, ficando nós em alguma masmorra, aonde nos pareçam as horas mais compridas que as do Sábado Santo, e não é acertado sermos forneiros pois temos a cabeça de manteiga.

— Pois Sôr (respondeu o estudante) a mi *que soy el gallo de las bravatas* me faz vossa mercê Caco de receios (*receos*)? Não sabe que *el desigual dolor no sufre modo*? Não é este o feito que eu hei de largar a justiça, e quando os companheiros quiseram puxar pela capa direi: *Me adsum qui faci, in me convertite telúm*. E mau grado para Juvenal com o seu medroso.

digito conpesce labellum, porque os pedintes não temem ladrões, a *illud cantabat vacans coram latrone viator*, e pera isto narrarei, por uma breve e compendiosa sùmula, os borrões e rascunhos de minha pátria, vida e caminho.

Ela é Alentejo, terra seca e bem má terra p.^a sobre rica: sou Legista de profissão (*pfissão*), e a escolhi por fiel das ciências, se alguém quizer dizer que com um texto avesso faz numa (*nhúa*) demanda estar a verdade em balança.

Não quis ser Teólogo, por não andar preso ao *noli me tangere* da castidade, sendo na barreira do pùlpito alvo de muitos parvos que se os não levais por seu erro, acertam-vos com um não disse nada, como se a igreja os elegera por juizes do que o Padre disse como melhor sabia.

Também enjeitei a Medicina por não ter necessidade de umas barbas do Hermo, saraivadas de experiência, testemunhas de quantas vidas fez ficar em branco, um anelão de Bispo, palavras de sacristão (*samcristão*), luvas de graixa, tomar o pulso com os olhos suspensos tossindo-lhe em cima, buscar o frago a homens como caçador a lebres, mais certos em matar que os galgos, dar novas do mundo acumulando-as em cada visita, guardar sempre uma graça para o tempo da convalescença, andar miúdo como cigana (*siganna*) e por autoridade em mula gualdrapada, sobre quem se confirma o grão da Barca. Donde veio que perguntando (*preguntando*) um senhor ao seu médico — Quantos? — sem o declarar, dizendo que se não curaria se não com quem adivinhasse: respondeu o velho Doutor, que tantos como cãs tinha na barba, entendendo que lhe perguntava pelos que tinha mortos.

— Graça teve um castelhano (acudiu o escudeiro) que deixava o seu arcabuz ao Médico, em cujas mãos morria, dizendo: *dexolo a burcarce, sôr D^{tor} por que con el, y con lo poco que sabe bien podrá matar todos los turcos.*

— Um alveitar (acrescentou o rústico) se foi de uma terra para outra, por não pagar uma mula, que matara na cura, sendo convencido em juizo, e indo lá um seu natural o achou feito médico e cirurgião (*surgião*), e perguntando-lhe se ia bem com o officio? — res-

pondeu que estremadamente por que quando curava bestas se arriscava a pagá-las, e curando homens, sem ninguém lhe demandar a morte, tanto se pagava de morrerem como de sararem.

— Se nós por aí imos (*himos*), (tornou o escudeiro), também acharemos, Sôr Licenciado, casos fortuitos nos Legistas, que, pondo-se a bolsa de um pobre litigante entre dois letrados, como moça, que fossem roupa, puxa cada um tanto os festos para a sua parte, até que não deixa gota, nem real, e no fim da demanda assim mandam pagar ao advogado (*avogado*), que decaiu, como ao que venceu, que merecia tudo.

— Por isso fazem bem os Florentinos, que ao patrono, que descai (continuou o estudante) mandam pagar as custas, e ao médico assalariado descontam todos os dias da doença; mas tornando a meu propósito para vossas Mercês saberem dêsse caminho que faço com tão pouco aparelho: saibam que neste derradeiro ano de meus estudos tomou-me o Diabo a ter uns amores de faldra de estopa com uma ninfa chocalheira nos olhos, brindadora no meneio (*meneo*) e falsa na intenção, por quem disse Propércio: *Cynthia forma potens: Cynthia verba levis*. Comecei-a (*comesseia*) a amar com cautela encolhendo as asas, porque o penedo da pobreza em Alciato mas abatia — *dextra tenet lapidem*, e é aforismo Ovidiano — *Pauper amat caute, timeas maledicere pauper* — Nunca diante dela aleguei avoengos, por que a bolsa sem sangue me respondia *Tolle tuos tecum pauper amator avos*. Enfim começamos nossa batalha a corpo partido, que assi lhe chama a cartilha do amor. *Militas omnis amans et habet sua castra Cupido*. Armou-se ela a fazer-me invites de falso aspirando a matrimónio, e como a Senhora tinha já chupado um osso de correat, e era peça (pessa) tocada, eu, que nos dentes do lobo logo conheci a lã, contrafiz-lhe o desejo, *Y para la despedida le guardé la coç*. Tinha eu já estudado aquele saudável conselho — *Fallite fallentes*; e fiado nesta contra-mina cheguei a picar a amarra, por que diz meu amo Ovidio — *oscula qui sumpsit, si non et caetera sumpsit, haec quoque sumpsit perdere dignus erat* — e quando ela cuidou que me tinha na rede, escapei por malha rota, e por isso o venho tanto sem a decência que se

deva a este: não me quero gabar, por que *pauperis este numerare pecus*; contudo a falta de lá de quatro ovelhas não tire na estimativa de vossas mercês o que se deve a minha pessoa, pois sabem que *los trabajos obligam a mal, que el hombre no piensa*: Dou graças à ventura por me trazer nesta ocasião, onde sobre a dita finta servirei a Vossa Mercê de fiel Acates, propondo no conselho nossa justiça por suas causas e demonstrações.

(Continua).

Glossário e notas

Alhos Vedros

Tem foral de D. Manuel — 15-12-1514.

Foi Comenda da Ordem de S. Tiago até 1834.

Povoação antiga — *Veterus* — em campina arenosa, um braço do Tejo, na boca de Montijo, com várias artérias entre salinas. No rio, mugins e linguados. E' tradição (Pinho Leal — *Porto Ant. e Mod.* — I, pág. 132) que, pertencendo aos cristãos, os mouros de Palmela a invadiram em um domingo de Ramos — e os fiéis, saindo da igreja, escorraçaram os invasores com os ramos bentos.

Todos os anos, depois do ofício de Ramos, se fazia uma festa comemorativa à Senhora dos Anjos, com assistência da Câmara. Ainda hoje em Alhos Vedros há uma tradicional Festa de Ramos. Nela residiu D. Afonso, Conde de Barcelos, filho bastardo do D. João I, casado com D. Beatriz Pereira, filha do Condestável. Teve Alcaide Mor até 1755.

Ao centro da Vila, o Pelourinho. Armas: escudo partido em pala, no primeiro as armas de Portugal e, no segundo, dois bordões de peregrino, cruzados, ladeados por cruces de Santiago, encimados por uma viseira.

(*Antigos Concelhos da Estremadura*, por Mário Guedes Real, no «Boletim da Junta de Província da Estremadura», n.º XII da Série II, ano de 1946, pág. 153).

Pertence hoje ao concelho de Moita.

A escolha da terra foi bem certamente feita com sentido pejorativo. Como quem diz que o bom senso popular até nas localidades pequenas, pobres e incultas, se indignava contra a extorsão fiscal, cujo proveito se não via.

Demais, os alhos eram de largo uso contra as bichas e as bruxas, as más vistas e as coisas ruins, malfícios vários. E a gente, de velha cepa, conservava, no apegado amor à terra, a luz cristã do juízo, e, na amena filosofia da lareira, anda a rija fibra da valentia.

— *botas professas*: já com o hábito das caminhadas. — *rebordãos*: rústicos e acastanhados. — *avelada*: engeilhada. — *longal*: comprida. — *contas donzelas*: virgens, castas, pois nunca se deram ou prestaram. — *talabartes de emprasto*: boldrié ou cinto de emplastro-gorduroso, cebáceo. — *de turbante por barrete*: talvez o turbante mourisco ou à mourisca, que haviam usado os cavaleiros, em vez da clássica gorra escolar, cujo uso ainda em 1746 se mandava observar.

Para os trajos das personagens do colóquio ver Alberto de Sousa — *O traje popular em Portugal nos séculos XVI e XVII* —, a clássica *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos (acto segundo — Cena III por ex.) — *O Tempo de Agora*, de Martim Afonso de Miranda, — ou um curioso estudo de Delfim de Almeida, em *Jornal de Domingo* (ano 1.º — 1881): *Portugal Velho — O Luxo*.

Na *Eufrosina* diz o Estudante usar «... hábitos compridos, *propre honestatem*... quando *aliter non licet* também sei vestir os curtos, e trazer meu par de pelotas para despir, que os estudantes também são homens» (Acto 2.º cena III, a pág. 103 da ed. de 1876).

— *socarrão*: velhaco, dissimulado. Em Gil Vicente: «He malino e *sotranção*». Em Cervantes: «El ventero, que, como está dicho, era un poco socarron...» (*D. Quijote*, cap. III da Primeira Parte). — *capilargo*: de capa larga e solta. — *canjante*: de canjar. Catassol: nome de certo tecido, como em figuras do teatro vicentino. Talvez ainda, aqui, no sentido de exposta ao tempo e por ele demudada. Canjante, propriamente, é sinónimo de cambiante. — *em cevadeira*: no sacco ou farnel da jornada. — *cavalo de si mes-*

mo: por andar sempre por seu pé em todas as jornadas. — *invite*: convite. — *taimado*: velhaco. — *se-deúdo*: o que tem muita seda, falando de porco ou cavalo. — *capa de S. Martinho*: apanhada por velhacaria a qualquer santo homem, ingénuo e caridoso: «Partamos aquista mi capa por médio» — diz S. Martinho ao pobre — no *Auto de S. Martinho*, de Gil Vicente. — *ombros de S. Cristóvão*: fortes e robustos: do seu maravilhoso S. Cristóvão dizia Eça de Queiroz que sobre os seus «largos ombros» «o pesar dos maiores fardos lhe parecia uma carícia». — *bolsa de centafolho*: centifólio, de cem ou muitas folhas, como são, ainda hoje, as bolsas ou carteiras dos lavradores e feirantes.

O escudeiro: De um dos nossos mais considerados nobiliarquistas transcrevo os seguintes períodos: — «O primeiro título de nobreza do nosso Portugal foi o de escudeiro nas pessoas que não tinham jurisdições, nem terras de que se nomeassem senhores. Porque como em aquelas primeiras luzes do reino se estabeleceu o império pelas armas, e a nobreza que então mais se estimava era a que por elas se adquiria, e as armas que por feitos heróicos se ganhavam na guerra, e se traziam nos escudos com que se pelejava, eram a demonstração da fidalguia mais honrada em aquele tempo, daqui veio que os que semelhantes escudos de armas alcançavam se chamavam escudeiros, em sinal da nobreza que por eles tinham adquirido. E esta foi a origem do nome de escudeiro e não outra..... De escudeiros passavam a cavaleiros, quando depois de alguma batalha, sucesso ou encontro militar eram armados cavaleiros pelos reis, ou pelas pessoas a quem eles para isso davam comissão, que ordinariamente eram os ricos-homens. E também para subirem a algum título, ou entrarem na jurisdição de algum senhorio, costumavam armar-se cavaleiros, velando primeiro as armas em alguma igreja, como fez D. João Afonso Telo, quando el-rei D. Pedro o nomeou no condado de Barcelos». (*Sampaio: Nobiliarch. Port.*)

Aos escudeiros viria a acontecer o que se dera com muitos fidalgos, que das razões por que alcançaram nome e fama passaram, em ociosa pompa, a viver com arrogância da memória dos seus passados,

quando a não deslustravam. E assim eles, que por seus actos de bons escudeiros se fizeram algo, mais tarde eram apenas fanfarrões e vadios. O caso é posto com meditada perícia no Diálogo de Francisco de Moraes (o autor do *Palmeirim de Inglaterra*), intitulado *Rivalidades de Classes*, em que são interlocutores o Fidalgo e o Escudeiro. O Escudeiro diz ao Fidalgo que a nobreza só por duas cousas se alcançava: «ou por obras imortais, dignas de fama e glória, ou por vida qualificada em virtudes». Para logo dar o remoque: «e vós agora quereis que a nobreza vos fique por herança e património, não curando das qualidades com que se deve conservar». E o Fidalgo lhe retruca com o ar doutoral, a pequice, o luxo de imitação, a mania da fidalguia, com a inveja e o ciume dela, que se alastra pela chusma de escudeiros ociosos.

(Francisco de Moraes — *Diálogos; Prosa doutrinial de autores portugueses* — selecção, prefácio e notas de António Sérgio — Portugal —).

«Têm diante de si um fidalgo» é a pretensão dominante de todo o escudeiro, magistralmente esculpido por Gil Vicente:

... Seu moro c'um escudeiro
como me pode a mi ir bem?

diz, na farsa «Quem tem farelos?», Aparição criado do escudeiro Aires Rosado, ao seu camarada Ordonho.

Pentear e jejuar,
todo o dia sem comer,
cantar e sempre tanger,
suspitar e bocejar...
E presume d'embicado;
que com isto raivo eu.
Três annos há que sam seu,
e nunca lhe vi cruzado;
mas segundo nós gastamos,
um tostão nos dura hum mês.
... E se o visse brasonar,
e fingir mais d'esforçado,
e todo o dia aturado
se lhe vai em se gabar.

Na *Floresta de Enganos*, o moço, ao ver o escudeiro disfarçado em viuva não se tem que o não interpele:

... E eu havia de dizer
Que ereis pobre escudeirão,
sem cavalo e sem tostão...

E' o próprio escudeiro que, na *Farsa de Inês Pereira*, depois de a saudar com garbo:

Antes que mais diga agora,
Deus vos salve fresca rosa...

a si mesmo se apresenta:

Eu não tenho mais de meu,
Sòmente ser comprador
Do Marichal meu senhor,
E sam escudeiro seu.
Sei bem ler,
E muito bem escrever,
E bom jogador de bola,
E quando tanger viola,
Logo me vereis tanger.

E ao moço determinado a partir, o interpela:

Não dormes tu que te farte?

Mas ele replica:

No chão, e o telhado por manta,
E çarra-se me a garganta
De fome.

O do *Juíz da Beira* confessa-se escravo do amor por uma moça «pretazinha», «muito galante mourinha—Hum ferrinho delgado», e queixa-se contra a adela Ana Dias, que lhe vai comendo os cruzados, para afinal ficar:

Vêdes-me aqui sem a moura,
Trosquiado sem tizoura,
Vêdes-me aqui sem cavalo,
Sem sela, sem mangedoura,
E sem galinha, nem galo.»

De um escudeiro

Enfrornado em cavaleiro,
que de andar posto em ser conde
se não conde, he condadeiro.

tirou o nosso D. Francisco Manuel de Melo o seu magnífico *Auto do Fidalgo Aprendiz*.

Nestas e noutras notas servi-me, para consulta, das edições revistas pelo saudoso e insigne Prof. Dr. Mendes dos Remédios (de França Amado — Coimbra) e pelo Prof. Marques Braga (de Sá da Costa — Lisboa). — *na gávea da privança*: no alto mastro do poder, com seus proventos e a consideração pública. — *que são a peste de nós outros*: não teve papas na língua, em sua enfiada de imprecações, a dizê-lo, na farsa já citada, a mãe de Isabel a Aires Rosado:

... Má cainça que te coma
mao quebranto te quebrante
e mao lobo que te espante.
Toma duas figas, toma.
Nunca a tu has de levar.
Para bargante rascão,
que não te fartas de pão
e queres musiquiar...

— *tabardilho*: ou purpura, febre maligna, que alastra na pele pequenas manchas vermelhas: «*El tiene fiebre podrida*», diz Mestre Anrique no «*Auto chamado dos Físicos*. — *madorra*: modorra. Segundo Damião de Goes, D. Manuel faleceu, em Dezembro de 1521, com uma febre espécie de modorra, que vitimava, então, muita gente em Lisboa. — *tiricia*: icterícia. — *boubas*: pústulas suspeitas, mentágras.

— Para justificar o modo como apresenta a falar os estudantes da Universidade de Coimbra, cerca dos meados de Quinhentos, o notável escritor Arnaldo Gama, em *A Caldeira de Pero Botelho*, diz, em nota: «... A estes leitores tenho eu também a dizer que os muitos latinórios, que se encontram nos primeiros capítulos desta novela, são neles postos para satisfazer à obrigação histórica. Sem eles, ficaria falsa

e imperfeita a feição característica da Universidade daquela época, na qual só se falava latim ou grego e era tido à conta de grande vergonha o falar-se português. Os lentes eram obrigados a preleccionar em latim. A mania era tal, que os Estatutos de 1591 impunham aos lentes a multa de 100 réis por cada vez que preleccionassem em língua vulgar». E esse deveria ser mais ou menos o estado ao tempo do nosso Colóquio. A figura do estudante parece arrancada viva às páginas da *Eufrosina*, de Ferreira de Vasconcelos: «Estes estudantes (diz-se na cena 3.^a do acto 2.^o) bons mancebos são, se não fossem tão devassos, e o pior é que muito palreiros, e gabadores do feito, e por fazer...» Ou: «são tantos, e tão ociosos, que não há cousa que se lhes pare; inda que todo o seu trato é sobre comer feito, parece-me que nunca saem do mal cozinhado» (Cena VI). «O direito era, então, todo ensinado e estudado sobre textos latinos. Até ao século XVIII, os compêndios de direito civil e criminal lusitano por Melo Freire eram escritos em latim. O direito romano fora a principal fonte das *Ordenações Afonsinas e Manuelinas*, e continuava sendo direito subsidiário, assim como o direito canónico; um e outro, constavam de textos latinos. Daí resultava entre clérigos e juristas o hábito de intercalarem na conversa frases latinas, quase sempre incorrectas, hábito que ainda se não extinguiu de todo, mas de que Gil Vicente já no Século XVI fazia troça»: diz o Prof. Dr. Luís da Cunha Gonçalves, no trabalho — *Gil Vicente e os Homens do Foro, in Gil Vicente—Vida e Obra* — série de conferências publicadas pela Academia das Ciências de Lisboa — Lisboa, 1939.

Ao estudante, armado em Poeta, diz o *Fidalgo Aprendiz*

Mestre !... não faleis latim.
que eu nunca fui estudante.

ao que ele responde logo

Falarei, como mandais,
bom português velho e relho.

— *Bartolus a Saxoferrato*: o maior jurista do século XVI, cuja escola jurídica predominou durante esse e o século seguinte. Professor de direito civil da Universidade de Perusa e Comentarista do Código de Justiniano. — *Jasão*: A que Jasão se refere o Estudante? No *Templo de Apolo*, Gil Vicente diz

La muy lucida Medea
Hermosa sin division,
Vi perguntar por Jason,
Puesta en una cheminea
En el tesho de un meson.

Este devia ser o pertencente à mitologia grega: o herói das lendas tessálias, organizador da expedição dos *Argonautas*.

Além do tirano da Tessália, várias passagens das Escrituras se referem a quatro pessoas com tal nome, sendo um deles quem escreveu sobre a história dos Judeus. E há ainda o de Argos, historiador grego do Século II.

Mas a referência não deve ser a qualquer destes. Já me passou, creio se não auto-sugestionado, o nome preso a coisas de direito — mas é cinza na memória (e falece-me o tempo de o ressuscitar). E João Pedro Ribeiro com muito acerto notara que, depois da *Escola de Bartholo*, há uma grande confusão e aglomerado de autores que dissertam sobre direito.

Quanto ao conhecimento e estudo do direito na Escola — a Universidade de Coimbra — e no Foro, e na aplicação nos Tribunais, bem como na orientação das leis, é elemento muito esclarecedor o estudo de José Anastácio de Figueiredo — *Memória sobre qual foi a época certa da introdução do Direito de Justiano em Portugal* —, publicado nas *Memórias de Literatura Portuguesa*, pela Academia Real das Ciências, tomo I, ano de 1792, pág. 258 e seg.

— *perrigalgos*: Gil Vicente, no *Clérigo da Beira*, fala em *perro viejo* como homem sabido e manhoso. Aqui, talvez a ligação de perro e galgo. Ou por semelhança a *perreiro*, como eram também conhecidos os enxota-cães das Igrejas? — *ofício de rasa*: pago segundo o regimento oficial de serviço determinado.

— *vara movediça*: referência à vara simbólica das autoridades — vara movediça designaria a autoridade ambulante, e daí, o espia que levaria àquelas as informações. — *cacos*: de Caco — ladrões espertos que, tais como formigas, o quanto de valia apanhassem, levavam para a «caverna de Caco», sua dispensa, bolsa e tesoiro. Por isso, passos adiante, o escolar, em retruque, diz não andar «encovado» no medo: «Caco de receios». — *horas mais compridas que as do Sábado Santo*: pois, nesse dia, as horas de officios religiosos ou resas prescritas são bastante longas e demoradas. — *frago*: fezes, em termo de caçadores, como excrementos do coelho, raposa, etc.

A mordiscadela na medicina, tão ao sabor do tempo, logo nos lembra, sem excursionarmos pelo molieresco (com notável critério estudado no magnífico trabalho de Maurice Raynaud — *Les Médecins au temps de Molière*), o famoso «Auto chamado dos Físicos», do nosso Gil Vicente, considerado, como notou o Prof. Marques Braga, como «documento capital para a história da medicina portuguesa no século XVI». Pode curiosamente confrontar-se o passo com o «Diálogo da Perfeição e partes necessárias ao bom médico», original quinhentista traduzido do espanhol e prefaciado pelo Prof. A. da Rocha Brito. Sem dever esquecer-se a obra excelente do Grande Camilo — *O Olho de Vidro* — onde vem citado o *Portugal Médico* do Dr. Brás Luís de Abreu, cuja vida no romance é evocada.

Alciato: tinham fama, no século XVI, dois nomes célebres de Alciato — o juriconsulto e o teólogo, aquele por haver introduzido a história da antiguidade e dos costumes tradicionais no estudo do direito, este pela sua abjuração do catolicismo e suas peregrinações doutrinárias. Naturalmente, qualquer dos dois, muito pobre. — *Acates*: o fiel companheiro de Eneias — *Fortis Achates... fidus Achates*.

(Continua)